

Divãneando na atualidade: um ato de reexistência

Giuliana Stuber¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é ressignificar o divã no *setting* analítico dos dias de hoje, com todas as fantasias que se evidenciam em seu uso. Buscou-se organizar um percurso teórico na obra de Freud e de diversos outros autores contemporâneos sobre o uso desse instrumento, assim como objetivou-se alcançar a distinção entre o ver e o olhar em psicanálise e a importância de mantermos esse espaço privilegiado em que encontramos a chance de romper com o pacto atual de nossa cultura: o imediatismo, o narcisismo e a espetacularização. Para nos garantirmos nesse lugar de *guardiões*, é colocada em evidência a importância da análise do analista.

Palavras-chave: Divã. Fantasias. Contemporaneidade. Cultura. Análise do Analista.

“Cego às forças invisíveis do destino durante toda a primeira etapa de sua vida (a de príncipe de Corinto e a de rei tebano), foi preciso que furasse os olhos para que, da escuridão, aprendesse a considerá-las, saindo das meras evidências, para se tornar um vidente. Édipo ofuscado pelo visível, Édipo onipotentemente clarividente, Édipo cego pela luz e – num segundo tempo – Édipo mergulhado na sombra, Édipo humildemente guiado por Antígona, Édipo aprendendo a ler o invisível/indivizível da vida e tornando-se um sábio”.

(Alfredo Naffah Neto)

¹ Analista *divãneante* do CEPdePA.

1 PARA COMEÇAR A DIVÃNEAR...

Quando pensamos no tratamento psicanalítico, um dos primeiros aspectos que nos vem à cabeça é a presença do divã como peça fundamental do *setting*. O que Freud escreve e recomenda, a partir de sua experiência pessoal como analista, logo se torna uma regra. Mas o que será que embasa e sustenta tal recomendação, inclusive nos dias de hoje?

Desde o início da formação analítica, esse tema é cercado de curiosidade e mistério: para que serve realmente o divã? Em que momento devemos indicá-lo aos pacientes? O que muda com seu uso? O que ele possibilita? Que fantasias e medos vêm atrelados a ele?

Como candidatos a analistas, todos passamos, também, pelo momento de sonhar com nosso divã, seu tecido, cor, tamanho, modelo e o espaço que ocuparia em nossos consultórios tanto para nós quanto para nossos analisandos. O que será que esse mobiliário, tão simbólico, mudará em nossa prática clínica? Como um filho imaginário, nós o concebemos e fantasiemos sua chegada.

Mesmo assim, é de se questionar até que ponto nos apropriamos verdadeiramente do divã. Talvez, em razão de o considerarmos algo que nos valida não como médicos e terapeutas, mas como verdadeiros psicanalistas, acabamos nos apropriando falsamente dele, de maneira rápida e “mecânica”. Para que a apropriação verdadeira e madura aconteça, o que leva em conta todos os seus significados e possibilidades, parecem ser essenciais o processo e a experiência de análise pessoal do próprio analista, com o uso do divã.

O interesse em estudar esse ícone foi despertado durante o primeiro ano de formação, quando o tema começou a aparecer de forma tímida em alguns seminários, como o de Técnica Psicanalítica. Desde então, apesar de o assunto aparecer com certa frequência e mobilizar discussões calorosas, poucas vezes nos deparamos com textos teóricos a respeito. Por conta disso, surge a vontade de estudar mais a fundo essa questão. Talvez mais do que outros componentes do *setting* analítico, o divã é riquíssimo em simbolismos, mas pouco explorado e (re) pensado, o que acaba por transformá-lo, por vezes, em mero ícone “saturado” e “inanimado”. Essa inquietação suscitou o desejo de resgatar seu contexto histó-

rico e, a partir disso, pensar e repensar suas possibilidades, principalmente no contexto atual da cultura na qual estamos inseridos.

Não há dúvidas de que, mesmo nos dias de hoje, a psicanálise mantém sua importância e seu caráter subversivo. O atual, em psicanálise, sempre foi e segue sendo acessar o antigo e ir à contramão. Isso significa, no contexto em que estamos inseridos, contrariar a cultura do imediatismo, do narcisismo e da espetacularização. Não só isso, mas também criar um espaço e uma relação específica que propõem qualidade e singularidade únicas ao processo, assim como um tempo interno – que nada tem a ver com o tempo cronológico do qual nos vemos escravos.

Existe um grande movimento de discussão e questionamento sobre a atualidade e a relevância de técnicas e teorias psicanalíticas hoje em dia, mas poucas são relacionadas ao divã. Por que (ainda) o usamos? Será que seu uso (ainda) tem relevância? Se sim, qual o “novo” papel do divã no processo analítico? Proponho, então, usar tais questionamentos como norteadores para repensar e ressignificar seu uso, de forma a delinear e a entender seu propósito na clínica psicanalítica contemporânea.

É importante ressaltar que este trabalho se propõe a revisar teoricamente o uso do divã e seu lugar na clínica. Para isso, foram usados diversos autores que, por vezes, podem ter opiniões opostas a respeito do assunto, e isso é interessante para que constataremos que existem diversos vértices a partir dos quais esse instrumento é visto e pensado. Este trabalho também não tem nenhuma intenção de afirmar ou de comprovar a superioridade da análise feita no divã sob a feita na poltrona. Os dois modos são válidos e possuem suas possibilidades e dificuldades, de modo que entender qual a melhor alternativa e o porquê dessa escolha cabe à dupla analítica e ao momento em que se encontram. Também acredito na riqueza do uso de ambos ao participarem do processo analítico múltiplas vezes, de forma que seja possível explorar todos os afetos e fantasias despertados em diferentes momentos de vida e tratamento. O que está em questão aqui é apenas a ideia pessoal de que o divã serve como instrumento potencializador do caráter subversivo da experiência analítica, especialmente ao levarmos em conta o que nossa sociedade impõe quanto a valores e objetivos.

2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

2.1 A concepção do divã e suas ampliações

Freud tornou o divã um dos símbolos mais importantes da psicanálise. Em 1913, em seu texto *Sobre o início do tratamento*, refere-se ao cerimonial que consiste no pedido feito ao analisando para que se deite no divã, de modo que o analista fique sentado em sua poltrona atrás dele, fora de vista.

O primeiro motivo dessa recomendação tem base histórica: o divã seria remanescente do método hipnótico; a partir do qual, a psicanálise se desenvolveu. O segundo motivo é de cunho pessoal: Freud não gostava da ideia de ser encarado fixamente durante as oito horas de sua jornada de trabalho diária. Acreditava que o analisando poderia sofrer intervenções e influências em suas associações livres ao observar as expressões faciais do analista e, dessa forma, teria material para interpretá-lo. Sem se preocupar com suas próprias reações, sentia-se mais livre para se entregar aos próprios pensamentos inconscientes. Por último, acreditava que o propósito mais importante desse método era a possibilidade de isolar a transferência e permitir que ela aparecesse, em seu devido tempo, nitidamente como uma resistência. Sabemos que, para Freud, a transferência surge como uma forma de resistência e que, no decorrer de sua obra, vai tomando o lugar do mais valioso instrumento. Em 1912a, o autor propõe que os fenômenos transferenciais representam uma das maiores dificuldades para o trabalho do analista, mas também o ajudam, à medida que tornam imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente.

A privação do olhar implicada nesse processo de deitar-se visa criar uma condição favorável para que as associações e produções inconscientes apareçam através da linguagem, por meio da transferência.

Celenza (2008) resgata o contexto histórico original do uso do divã como uma tentativa de reduzir a ação do processo analítico ao campo das ideias, associações ou fantasias, uma vez que essas são expressas por meio da palavra. Esse modelo terapêutico está calcado no antigo modelo hidráulico de Freud: acreditava-se que, à medida que se suprimisse a ação, a reflexão seria privilegiada. Inibindo a

atividade motora, a associação livre do paciente que se deita é promovida ao bloquear a descarga por meio desta via, o que dirige o impulso para o campo ideativo. Com estímulos externos restritos, incluindo nisso o acesso visual ao analista, a atenção do analisando a seus próprios pensamentos, sentimentos, fantasias e sua aplicação ao campo interpessoal são aumentadas.

Nasio (2003) amplia esse conceito ao dizer que, ao se deitar, o ponto de vista do analisando sobre si mesmo e o mundo muda radicalmente, uma vez que há uma troca de um externo para um interno, quase onírico. Com o analisando deitado, o analista não só se libera de ter suas expressões faciais observadas e interpretadas, como também se entrega mais plenamente para experienciar as sensações e os efeitos da escolha de palavras do analisando no inconsciente. Dessa forma, pedir ao analisando que se deite não é apenas um simples ritual, mas também é uma técnica essencial que encoraja o discurso íntimo e facilita a escuta atenta.

Ogden (1996) também acredita que o uso do divã favoreça as condições nas quais tanto analista quanto analisando experienciam privacidade suficiente para entrar em seus estados de *reverie*, entregues ao fluxo de seus próprios pensamentos. Tal mobiliário tem o poder de facilitar o acesso de ambos a um “espaço de brincar” (de Winnicott), que, aliado ao conceito de *reverie* (de Bion), formam uma área comum à dupla, condição necessária para a elaboração e a análise do terceiro-analítico (de Ogden). A noção desse conceito designa uma espécie de *intersubjetividade inconsciente*, construída a partir da capacidade do analista de transformar seu próprio inconsciente em um órgão receptivo para as transmissões inconscientes de seu analisando. A privacidade bilateral facilitada pelo uso do divã favorece a aparição desses estados sobrepostos de *reverie*.

DiNardo, Schober & Stuart (2005), em um artigo que estuda a copresença visual em psicanálise tanto na poltrona quanto no divã, resgatam a proposta de diversos autores que postulam a ideia básica de que a postura adotada no divã se assemelha à de dormir. Dessa forma, o pensamento pré-verbal e pré-lógico é induzido, permitindo que o analisando seja capaz de acessar experiências infantis e antigas. Outros teóricos, por sua vez, discordam dessa ênfase dada ao infantil em sessões feitas no divã. Lachmann and Lichtenberg (1992), por exemplo, sugeriram que os fenômenos regressivos experienciados no divã não precisam ser vistos

como réplicas de experiências infantis, mas sim construídos de forma interativa pela dupla analítica para facilitar o entendimento e as investigações futuras.

Tomando como base experiências precoces/infantis, Naffah (2003) faz um resgate de alguns conceitos de Winnicott para pensar o divã e seu uso, especialmente o papel dele em episódios regressivos.

O divã e os travesseiros estão lá para o uso do paciente. Eles aparecerão em ideias e sonhos e, então, representarão (*stand for*) o corpo, os seios, os braços, as mãos, etc. do analista, numa variedade infinita de modos. Mas enquanto o paciente está regredido (por um momento ou uma hora ou um longo período de tempo), o divã é o analista, os travesseiros são seios, o analista é a mãe numa certa era passada. No extremo, nem mesmo é verdadeiro dizer que o divã representa o analista (WINNICOTT, 1954, p. 385).

Em tais episódios, o divã pode servir como intermediário de experiências transformadoras do *holding/handling* analítico. Nessas regressões, um divã receptivo e aconchegante, aliado ao cuidado caloroso – mas reservado – do analista compõem uma mãe-ambiente transferencial capaz de sustentar e desenvolver experiências precoces congeladas no tempo.

A teoria lacaniana, retomando conceitos e procedimentos técnicos freudianos, expande a questão da recomendação do uso do divã, evidenciando outro aspecto da transferência em jogo com o corte do contato visual. É por meio desse corte que se faz possível o isolamento da transferência imaginária. Para Quinet (2009), a principal razão para o uso do divã na análise se deve à estrutura da transferência. O objetivo dele é dissolver a pregnância do imaginário na transferência, de forma que o analista possa observá-la e distingui-la no momento de sua emergência no discurso do analisante.

2.2 Sobre o ver e o olhar

Em “*O olhar em psicanálise*”, Nasio (1995, p.13) introduz seu seminário com uma provocação feita por um jornalista que pergunta: “Como é que o senhor vai

falar do olhar em psicanálise, se, como psicanalista, o senhor fica sentado numa poltrona; o paciente, reclinado no divã, e não há olhar nessa situação?”.

A partir disso, cria-se uma importante distinção: o olhar, na experiência da análise, não é sinônimo de ver. Ver não é o mesmo que olhar. Dentro desse contexto, então, não se vê, mas se olha.

Apesar dessa distinção, a visão não se exclui completamente da sessão; é, sim, afastada. Ela está presente, por exemplo, nos breves momentos de entrada e saída do consultório, ou ao notarmos como o analisando faz uso de seu corpo para comunicar certos dados. Às vezes, um simples movimento de cabeça é o suficiente para nos indicar que o analisando está chorando, mesmo não tendo acesso completo às suas expressões faciais. Esses momentos também têm sua validade e importância, mas é essencial que se olhe mais além, que o analista perceba seu analisando com todos os seus sentidos. É preciso que a visão seja restringida para que o olhar ganhe potência. De acordo com Nasio (1995), a cegueira parcial proporcionada pelo divã é contrasta com a luminosidade psíquica de um olhar inconsciente. É esse olhar que se encontra no núcleo de diversas manifestações clínicas conhecidas, por exemplo: as fantasias, as lembranças encobridoras, o já-visto, a cegueira histórica, os atos perversos e a alucinação visual.

Para Luna (1997), o olhar, como qualquer objeto pulsional, é ponto de falta e de incompletude, o que sustenta a função do desejo. Ao mobilizar esse desejo, o olhar situa-se como ponto de angústia. Só é possível desejar quando reconhecemos essa incompletude. Nisso, é feita uma rachadura na imagem egoica, assim como se considera a castração e se abre espaço para a emergência do novo.

O campo da visão acaba por ocultar o desejo, na medida em que este fica eclipsado pela intensidade da imagem especular. Esse apelo perceptivo no sentido da fascinação pela imagem total e completa oculta o reconhecimento da falta e do desejo. A privação da visão, então, facilita o esfacelamento dessas imagens e permite que o olhar desperte, em nós, o estranho – próprio da natureza do inconsciente. E é precisamente isso que o processo analítico busca: colocar-nos em contato com o estranho que nos habita.

No artigo *Dez mandamentos para uma psicanálise trágica*, Naffah (2002, p. 18) toma como exemplo Édipo e suas transmutações através de duas tragédias sofocleas: Édipo-Rei e Édipo em Colono.

Cego às *forças invisíveis* do destino durante toda a primeira etapa de sua vida (a de príncipe de Corinto e a de rei tebano), foi preciso que furasse os olhos para que, da escuridão, aprendesse a considerá-las, saindo das meras evidências, para se tornar um vidente. Édipo ofuscado pelo visível, Édipo onipotentemente clarividente, Édipo cego pela luz e – num segundo tempo – Édipo mergulhado na sombra, Édipo humildemente guiado por Antígona, Édipo aprendendo a ler o invisível/indizível da vida e tornando-se um sábio.

Não é difícil associar essa trajetória edípica ao processo analítico, especialmente ao considerar o uso do divã, que suspende a visão e seus referenciais e cria um vazio potencializador. Suspender a visão, para Naffah, tem um sentido muito preciso: deixar fora do circuito da relação analítica aquele que é o órgão sensorial dominante e privilegiado no mundo ocidental, com todos os códigos de etiqueta e de controle social que ele encarna. Ir à contramão do que está estabelecido pela cultura e pela nossa sociedade sempre foi tarefa da psicanálise e é por isso que acredito ser precisamente esse fato que coloca o uso do divã como movimento de resistência em nossa sociedade atual, que valoriza por demais o *visível* e a *imagem*. O olhar e o ser olhado, neste contexto analítico, significam, muitas vezes, *vigiar* e *velar* para que nada de diferente aconteça para ameaçar uma suposta ideia de “segurança”, ou seja, uma forma de se defender das angústias despertadas no encontro com o desconhecido numa tentativa de estabelecer controle. A suspensão desse controle social mútuo – permitida pelo uso do divã – cria um vazio prenhe de virtualidades e de condições para que a dupla mergulhe no desconhecido que os perpassa, nessa dimensão subjetiva e intersubjetiva da realidade que compreende o plano do *invisível*, “onde pulsam afetos e pululam sentidos, sem o controle paralisante da visão” (NAFFAH, 2003, p. 112). Esse ato de acessar o *invisível* e

o *indizível* da experiência humana permite-nos acessar o grande estrangeiro, a alteridade maior que nos atravessa e constitui.

Freud (1913), então, ao nos avisar que alguns pacientes não gostam de que lhes seja pedido deitar no divã, por estarem ansiosos de serem privados da visão do analista, reforça que a concessão à essa satisfação pulsional não deve ser feita, de modo a excluir e privar o gozo pulsional na experiência analítica, uma vez que o “tratamento analítico deve o máximo possível efetuar-se num estado de frustração, de abstinência”. Esse estado vai permitir e facilitar a entrada em cena das fantasias e dos sonhos, que trabalharão para tentar dar conta de reparar a realidade insatisfatória que o corte e a limitação do olhar irão impor. Falaremos disso mais adiante.

Esses conceitos de visão e de olhar nos ajudam a pensar seus papéis no desenrolar da transferência, especialmente na imaginária e na simbólica. Para Luna (1997), na transferência simbólica, o analisando procura referências no olhar do analista e, a partir disso, seu lugar imaginário é constituído. Essa transferência, reforçada pela visão, aprisiona o sujeito na mesmice, uma vez que se sustenta no ego, composto, por sua vez, na alienação. Essa idéia sustenta o pensamento e a preocupação de Freud de que os analisandos deveriam evitar as expressões faciais do analista para que essas não influenciassem suas associações.

Já na transferência simbólica, a possibilidade de estabelecer relações não desconsidera a angústia causada pelo reconhecimento de que há algo faltando (e sempre haverá). Essa experiência permite ao analisando lançar-se a um caminho em busca de novos sentidos para esse vazio.

Para Quinet (2009), quando o analisando não vê o efeito de suas palavras na expressão do analista, não se pode contar com o ponto de apoio criado na reciprocidade de olhares entre analista e analisando. Dessa forma, o sujeito sente-se à deriva, aturdido por seus ditos. E é nesse estado de perplexidade, ao se dar conta dos equívocos da linguagem, de todos os seus sentidos, significados possíveis e efeitos, que a transferência simbólica se sobrepõe. Isso cria um espaço para o analisando se interrogar, de fato, sobre seu verdadeiro desejo.

Quinet (2009) reforça essas idéias ao postular que a privação da visão do analista é acompanhada de um convite para a auto-observação, “algo do tipo *vamos*

apagar a luz para melhor ver o filme". Ao retomar a regra fundamental de Freud, que incentiva o analisando a se comportar como um viajante: sentado à janela de um trem, descreve a paisagem que vai mudando a uma outra pessoa, evidencia-se certa apologia à visão interna: essas imagens, obrigatoriamente, precisam passar pela fala.

2.3 O divã como espaço potencial

Com o corte e a negação da possibilidade do olhar que se impõem ao se usar o divã e com o desprendimento do concreto, abre-se um vazio. Vazio esse que pode ser sentido como ameaçador ou como um espaço (físico) potencial para o resgate da fantasia.

A própria maneira como os psicanalistas são muitas vezes retratados na mídia nos dão alguma ideia sobre as fantasias de como o divã, com todas as suas possibilidades e “perigos”, pode ser visto e sentido pelo analisando.

São comuns tirinhas mostrando o analisando deitado no divã, falando sem parar, e seu analista desconectado de seu discurso (dormindo, pensando em suas tarefas diárias, fazendo a lista de supermercado mentalmente), julgando (balançando a cabeça negativamente, revirando os olhos, fazendo caretas) ou mostrando seu perigo potencial (empunhando uma faca, pronto para estrangulá-lo).



Fonte: Tute (2012)

Muitos autores se preocuparam em discorrer sobre os possíveis medos que vêm atrelados ao divã. Celenza (2008), por exemplo, acredita que esses medos podem ser elaborados de formas diversas, estruturados pela transferência e ancorados em um aspecto concreto do *setting* analítico.

Para analisandos em início de tratamento, Grotstein (1995) postula que o uso do divã pode causar fantasias e temores de que pegarão no sono, entrarão em estados profundos de dissociação e até serão abandonados, assim como poderão se sentir nus. Relata um analisando que, certa vez, disse a ele que, quando se deitava no divã, percebia uma mudança brusca na imagem do analista, como se a imagem deste mudasse. O analista era sentido como intimidador, maior do que tudo. Ao se levantar para ir embora, o analisando, vendo o analista, tinha a sensação de que este havia encolhido e voltado ao seu tamanho padrão.

Em *As 4+1 condições de análise*, Quinet (2009, p. 37) faz uma retomada do relatório referente às PIP (Psicoterapias de Inspiração Psicanalítica), lembrando-nos de algumas recomendações e avisos de possíveis reações negativas ao fazer o paciente deitar-se no divã, de modo que ele poderia:

Sentir o olhar do analista pesar sobre si por detrás, penetrar na nuca, etc., reativar temores arcaicos relativos, ao mesmo tempo, à mais completa e mais animalésca necessidade de segurança (comer – ser comido) e medos mais elaborados de ser ‘descoberto’ e *julgado* no plano prazer-desprazer e no do amor – perda de amor. [...] O paciente pode ter medo de despersonalização, de despedaçamento e de morte quando “a regressão terá levado o paciente às fronteiras do pré-verbal.

Para Celenza (2008), em alguns casos, o divã (ou mesmo a poltrona) pode ser visto como tão perigoso que sua evitação é interpretada como um processo defensivo em que se cria um objeto fóbico. Ao identificar o perigo “lá”, cria-se uma fronteira bem delimitada que acaba por controlar o perigo e eliminá-lo através da recusa de se deitar. Localizado esse modo particular e bem definido de experimentar o perigo, o analisando pode evitá-lo fobicamente ou, ao contrário,

transformá-lo em fetiche. Neste cenário, por vezes, o analista corre o risco de fazer um conluio com o analisando ao não legitimar os processos psicológicos que estão sendo evitados ou tratados de forma defensiva.

Ogden (1996) também trabalha com os perigos e as ameaças que o divã pode despertar. Adverte que, apesar de o uso do divã poder facilitar as condições para elaboração dos estados sobrepostos de *reverie* da dupla analítica, o analista jamais deve insistir que todos os seus analisandos façam uso do divã, seja de forma dita seja não dita. Existem períodos, durante o processo analítico, nos quais seu uso é extremamente assustador e ameaçador para que o analisando o tolere. Sob essas circunstâncias, seria contraterapêutico se o analista ignorasse o reconhecimento da ansiedade do analisando e sua subsequente análise. Tal comportamento por parte do analista pode representar a atuação de sua contratransferência.

Como é possível notar, a literatura não nos poupa de exemplos e reflexões acerca das possíveis fantasias assustadoras do analisando ao se deitar no divã. Penso que esses medos evidenciam o antigo (porém sempre atual e presente) desamparo humano e têm conexão direta com a qualidade, muitas vezes empobrecida, dos vínculos estabelecidos em nossa sociedade. Vínculos esses que dependem de ações muito concretas para serem validados, como um olhar ou um “*like*” de aprovação. De fato, pode ser potencialmente assustadora a ideia de construir um vínculo tão singular, tão diferente dos outros. Mas não seria essencial?

Ao nos depararmos com tais medos, parece-me fundamental que consigamos captá-los, escutá-los e compreendê-los. A tarefa de interpretá-los e analisá-los parece mais possível quando sabemos, de forma clara, com o que estamos lidando.

E, se de um lado há fantasias assustadoras e medos, de outro se encontra o “vazio” potencializador. Numa sociedade em que somos alimentados o tempo todo por uma enxurrada de imagens prontas e saturadas, que não necessitam do nosso trabalho de fantasia, sonho e devaneio, parece-me importante que se resgate a possibilidade de reaprender a fantasiar/sonhar por si mesmo, sem depender de tais imagens. Por mais opções que tenhamos hoje em dia, esse resgate e todo o colorido criativo que vem com ele parecem-me essenciais. É justamente através desse colorido único que poderemos trabalhar em prol do desejo e da subjetividade.



Fonte: Tute (2012)

Dessa forma, acredito que o divã serve não apenas como mobiliário ícone do *setting* analítico, mas também como espaço potencial para o processo. O conceito de espaço potencial, advindo da teoria de Winnicott, é retomado por Oliveira (2010) para pensar a criatividade necessária e implicada no processo analítico. O divã como espaço potencial serve como área intermediária, que não pertence ao mundo externo nem ao mundo subjetivo. É nele que o analisando terá oportunidade de vivenciar a transição entre o subjetivo e o objetivamente percebido, através de fantasias e ilusões.

2.4 O divã na atualidade

Ao questionarmos a validade do uso do divã na atualidade, temos de, primeiro, definir a importância da psicanálise nos dias de hoje e partirmos daí. E onde se coloca essa psicanálise? Sabemos que ela sempre se propôs a ser uma ferramenta de reflexão, de questionamento e de entendimento dos fenômenos humanos. Assim como na época de Freud, o caráter subversivo da psicanálise segue atual e

vigente: um processo de desconstrução de certezas, de enfrentar-se com a falta e o vazio, de fuga ao fascínio das imagens. Cruz (2009, p. 93) sustenta:

[...] mesmo considerando a mudança catastrófica operada pela pós-modernidade e pelas conquistas tecnológicas, os homens e mulheres que deitam em nossos divãs nos dias de hoje são, em sua essência, os mesmos homens e mulheres, meninos e meninas, que deitaram no divã da Viena do início do século passado, que deitariam em um divã que fosse colocado nos sombrios desvãos do castelo de Elsinore ou na encruzilhada entre Tebas e Corinto.

Sem dúvidas, numa sociedade como a nossa, na qual predomina a busca desenfreada e incessante pela satisfação plena, encontramos uma oposição aos objetivos da psicanálise. O espírito da produtividade – para atender às demandas do consumo de maneira mais rápida possível – e o imediatismo tornam-se critérios essenciais de valor e escolha. Não é fácil subverter esse sistema e colocar como um de seus pressupostos a não preocupação com o tempo cronológico e uma eficácia marcada por outra modalidade do tempo, que é totalmente indiferente ao tempo cronológico, do qual nos vemos escravos.

Em um artigo apresentado ao Congresso da IPA, em 2003, Elias Mallet da Rocha Barros e Elizabeth Lima da Rocha Barros (2003) comentam que, nessa lógica cultural em que o tempo é dinheiro e o dinheiro é a medida de sucesso, a psicanálise é vista e sentida como algo que vai à contramão disso tudo. Faz-se essencial, então, uma atitude ativa dos analistas, de forma que assumam uma postura ideológica de resistir ao sedutor convite do não-pensar como um estilo e modo de vida.

É justamente na contramão dos movimentos sociais modernos que a psicanálise propõe e oferece uma pausa, uma vírgula no frenético discurso da velocidade e do imediatismo. Cruz (2009) acredita que, se um dia, em função das exigências do tempo pós-moderno, todos estiverem com pressa, não haverá mais lugar para a psicanálise e teremos de nos ocupar com outros assuntos. Não poderemos vesti-la de forma a acomodar as urgências e as leis de mercado. O analista deve ter

claro, para si e para os outros, que seu campo de trabalho é o mundo interno. Que a realidade à qual precisa estar atento e ativo é a realidade interna. É nesse lugar de guardião do *setting* que se preserva o cenário onde nosso trabalho se desenrola: ali dentro, o resto do mundo (e suas exigências) não entra(m).

Ao convidarmos o analisando a deitar-se no divã, acredito que o convidamos a levar sua experiência analítica a um nível mais intenso, profundo e subversivo. Nesse convite, propomos que, em primeiro lugar, ele restrinja seu olhar, deixando fora da cena o órgão sensorial dominante e privilegiado no mundo ocidental; que abra mão do controle e de suas certezas, de forma que possa questionar, fantasiar e sonhar, ao invés de assistir e controlar e, principalmente, que crie um espaço, um vínculo e um tempo dentro de si onde desvendará seus desejos e sua subjetividade.

É nesse outro caminho proposto pela psicanálise, o caminho da intersubjetividade e do tempo interno, que encontramos a chance de romper com o pacto atual da nossa cultura: o imediatismo, o narcisismo e a espetacularização.

2.5 Ser analista é nunca deixar o divã

Como vimos até então, o uso do divã no processo analítico pode despertar diversas reações e afetos no analisando. Porém, seria ingênuo acreditarmos que tais dinâmicas afetam exclusivamente a ele. Ao estar dentro do processo, o analista também é afetado.

Já em 1912b, Freud escreve sobre a força do inconsciente e sobre a importância do inconsciente do analista no processo de cura. No entanto, adverte que, para usar esse instrumento de análise, é imprescindível que o analista se submeta – ele mesmo – a um sério processo analítico. Para Pereda (2015), só se acredita no inconsciente e se pode aprender algo sobre seu funcionamento como resultado da própria experiência de se analisar. Esse argumento reforça, mais uma vez, a importância da análise do analista.

Borges e Paim Filho (2009) retomam o pensamento freudiano ao lembrar que, em certo momento de sua teoria, Freud afasta-se definitivamente da metáfora do analista como espelho. Essa postura evidencia e determina a responsabilidade do analista ao conduzir o processo analítico de seus analisandos.

Não somos tão inócuos como gostaríamos de ser; nossa condição psicológica, nossa individualidade, nosso inconsciente podem e são agentes para a vida, como também para a morte. Esse é justamente nosso “calcanhar de Aquiles”. Sendo assim, nada melhor que olhar, escutarmos, pensarmos e re/conhecermos nossa vulnerabilidade, e, quem sabe, com isso termos mais recursos, diferente de Aquiles, para não sucumbirmos diante do dardo certo da pulsão de morte cultivado no leito de Narciso. (BORGES; PAIM FILHO, 2009, p. 128)

Pereda (2015), por sua vez, complementa esse pensamento ao dizer que o analista, ao sustentar sua função, envolve-se e se implica no processo. Nessa relação completamente singular, é essencial que se tenha conhecimento de que se lança mão de seu corpo, seu ser como pessoa e sua falta como sujeito.

O analista também é impactado pela experiência de o analisando deitar-se ao divã. Sem face a face, haverá uma intensificação no contato do analista tanto com o inconsciente do analisando, quanto com o seu próprio inconsciente. Esse acesso mais profundo, aliado a uma transferência mais pura e intensa, de acordo com Grinberg (1997), pode causar um temor no analista em razão de ser alvo de projeções muito regressivas e psicóticas, ameaçando seu equilíbrio mental. Nesses momentos, a tolerância e a capacidade de receber e conter tais emoções são especialmente testadas.



Fonte: Tute (2012)

Por conta disso, acredito ser fundamental que o analista tenha desenvolvido – ele próprio – a vivência de se deitar ao divã e experimentar alguns dos afetos, fantasias, medos e possibilidades causados por esse mobiliário essencial que compõe o *setting*. Assim não só ele será capaz de observar tais fenômenos com maior propriedade, como também será mais capaz de acolhê-los e interpretá-los.

3 PARA SEGUIR DIVÃNEANDO...

Felizmente, apesar de pouco explorada por Freud em seus escritos, a questão do divã como recomendação e parte do *setting* analítico foi e segue sendo questionada e ampliada por diversos autores. Esse processo parece fundamental para que sigamos pensando e repensando seu uso, de forma que esse mobiliário não fique banalizado e se torne um ícone com significado estanque e saturado de uma regra a não ser questionada.

Contextualizar a concepção do divã por Freud e as ampliações feitas por diversos autores ao longo da história do movimento psicanalítico, assim como resgatar as diferenças entre o olhar e a visão me permitiram pensar e entender o divã como um espaço potencial para o resgate do fantasiar e do devanear, o que intitulei carinhosamente de *divãnear*.

O interessante nisso tudo foi poder costurar tais conceitos que acredito responsáveis por compor o uso desse mobiliário com seu lugar na clínica psicanalítica atual. Entender e se apropriar melhor dos desafios que nossa cultura impõe à prática da psicanálise reforçam a ideia de que o divã segue importante e mais atual do que nunca com sua proposta.

Como pano de fundo para este trabalho, julguei interessante usar quadri-nhos que mostrassem como o divã é visto, vivido e pensado pela nossa cultura: os medos e fantasias que compõem seu tecido e lhe dão forma. Isso nos mostra que, mesmo fora dos consultórios e dos processos analíticos, as pessoas têm curiosidade e se ocupam de pensar sobre um dos maiores símbolos da psicanálise.

É claro que o divã, sozinho, é apenas um mobiliário. Porém, quando aliamos seu uso à estrutura do *setting*, à escuta e à frequência, o método psicanalítico fica enriquecido de possibilidades. A questão da frequência parece algo que deve ser

retomado e levado em conta na hora da indicação do uso do divã. Acredito que, com uma frequência maior, ele é melhor aproveitado e, assim, temos a possibilidade de conter e de dar conta de tudo que despertará em nossos analisandos. No entanto, também acredito ser possível usá-lo com certos pacientes em frequência mais baixa. Como fazer essa avaliação? Isso depende da dupla, da segurança e da confiança do analista ao usar o divã como sua “extensão”, de conter o que será despertado. Além disso, depende também da capacidade do próprio analisando de vivenciar e tolerar todas as possibilidades, faltas, fantasias e medos. Na indicação do uso do divã, cada caso é único e deve ser avaliado de tal forma, para que não criemos situações dignas de um *divã de Procusto*.

Acredito ser essencial destacar que a experiência pessoal do analista, advinda de seu próprio processo analítico, ao se deitar no divã, parece uma questão chave em como ele vai lidar com sua recomendação de uso. Vivendo na pele tudo que essa experiência traz consigo, o analista torna-se mais confiante e consegue compreender melhor todos os afetos, fantasias e possibilidades que acompanham o uso desse mobiliário. Ao tornar-se alguém *confiável* para o analisando, o divã do analista é vivenciado como uma extensão de sua presença sustentadora, o que viabiliza seu uso.

REFERÊNCIAS

BARROS, E. M. R.; BARROS, E. L. R. Pre-formed counter-transference: a response to the patient or to the culture? In: *Frontiers of psychopathology: New Culture, New Patients*, 2003, Toronto. **Anais...** Toronto: [s.n.], 2003.

BORGES, G.; PAIM FILHO, I. A “Via Sacra” do filicídio no processo analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 127-132, 2009.

CELENZA, A. *Vis-à-vis* o divã: onde está a psicanálise? **Livro Anual de Psicanálise**, São Paulo, v. 21, p. 181-193, 2008.

CRUZ, J. Deep Fritz *versus* Sigmund Freud: a luta do século. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 43, n.3, p. 93-104, 2009.

DINARDO, A.; SCHOBER, M.; STUART, J. Chair and couch discourse: a study of visual copresence in psychoanalysis. **Discourse Processes**, v. 40, n. 3, p. 209-238, 2005. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.719.5824&rep=rep1&type=pdf>> Acesso em: 20 set. 2017.

FREUD, S. (1912a). A dinâmica da transferência. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____. (1912b). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 12).

_____. (1913). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, 12)

GRINBERG, L. A transferência é temida pelo analista? **Livro Anual de Psicanálise**, São Paulo, v. 12, p. 11-22, 1997.

GROTSTEIN, J. A reassessment of the couch in psychoanalysis. **Journal of Psychoanalytic Inquiry**, v. 15, n. 3, p. 396-405, 1995.

LACHMANN, F. M.; LICHTENBERG, J. Model scenes: implications for psychoanalytic treatment. **Journal of the American Psychoanalytic Association**, v. 40, p. 117-137, 1992.

LUNA, D. Por que o divã? **Estudos de Psicanálise**, v. 20, p. 37-45, 1997.

NAFFAH, A. Dez mandamentos para uma psicanálise trágica. **Percursos: Revista de Psicanálise**, v. 28, p. 15-22, 2002.

_____. O divã psicanalítico e o corpo materno: algumas considerações sobre o *holding* em processos de regressão psicanalítica. **Trieb: SBPRJ**, v. 2, n. 1, 109-126, 2003.

NASIO, J.-D. **O olhar em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. **Um psicanalista no divã.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

OGDEN, T. H. Reconsiderando três aspectos da técnica psicanalítica. **Revista de Psicanálise da SPPA**, v. 3, p. 421-444, 1996.

OLIVEIRA, F. Pensando a sessão de análise como um espaço potencial. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 87, n. 78, jun. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352010000100008> Acesso em: 18 nov. 2017.

PEREDA, L. A cura analítica como produto artesanal. **Calibán**, v. 13, p. 41-54, 2015.

QUINET, A. **As 4+1 condições de análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

TUTE. **Tuterapia.** Buenos Aires: Sudamericana, 2012.

WINNICOTT, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In: _____. **Da pediatria à psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 2000.

Using the *couch* nowadays: an act of re-existence

ABSTRACT

The purpose of this paper is to rethink and give new meaning to the use of the *couch* nowadays, with all the fantasies that come alive in its use. The works of Freud and other contemporary authors were contemplated on the use of the *couch*, as well as the understanding of the distinction between seeing and looking in psychoanalysis. This paper also regarded the importance of maintaining this privileged space in which we can find the chance to break up with our culture's pacts: immediacy, narcissism and spectacularization. The importance of the analyst's own analysis is fundamental to guarantee our place as guardians of the psychoanalytic setting.

Keywords: The *couch*. Fantasies. Contemporaneity. Culture. The analyst's own analysis.